

**COMENTÁRIO LINGUÍSTICO SOBRE A
CRÓNICA GERAL DE ESPANHA DE 1344**

Marina Miranda CARPANI
Orientadora: Charlotte Marie C. Galves

Resumo: O presente trabalho pretende desenvolver um comentário linguístico sobre um pequeno trecho da **Crónica Geral de Espanha**, de 1344. Nosso comentário apontará, fundamentalmente, para características típicas do português do período arcaico em diversos níveis de análise (lexical, fonético, grafemático e morfossintático).

Palavras-chave: Linguística Histórica, português arcaico, análise linguística.

INTRODUÇÃO

A **Crónica Geral de Espanha**, texto datado do ano de 1344, é um documento histórico fornecido pelo Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM)¹, onde é possível encontrar diversos textos portugueses dos séculos XII ao XVI, além de textos latino-romances produzidos entre os séculos IX ao XII. O texto fornecido pelo CIPM é uma cópia digitalizada do manuscrito encontrado na edição crítica da “Crónica Geral de Espanha” desenvolvida pelo filólogo Luís Filipe Lindley Cintra².

O texto digitalizado no CIPM contém, ao todo, 406.064 palavras. O trecho selecionado para o trabalho em questão possui 1.983 palavras e se refere ao início do texto reproduzido no site do Corpus Informatizado.

Sendo assim, como o objetivo central deste trabalho é o desenvolvimento e a fundamentação de comentários linguísticos, nos preocupamos mais em trazer para a nossa análise uma contextualização histórica do texto selecionado.

¹ O CIPM é um projeto da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, sob coordenação da Profa. Dra. Maria Francisca Xavier. Endereço eletrônico do Corpus Informatizado do Português Medieval: <http://cipm.fcsh.unl.pt/>

² CINTRA, Luís F. Lindley, **Crónica geral de Espanha de 1344 / edição crítica do texto português**. Lisboa : Academia Portuguesa da História, 1951-1961. - 3 v. ; <http://purl.pt/336> . - Tese de doutorado em Filologia Românica, Univ. de Lisboa, 1953

Como já dissemos, a **Crónica Geral de Espanha** foi escrita durante o século XIV e, portanto, é um texto pertencente ao período do Português Arcaico. Embora a datação de textos antigos seja um dos grandes desafios da Linguística Histórica, o texto aqui retratado, datado do ano de 1344, não passou por esse problema, pois, ao longo do próprio texto, temos redigida esta informação.

Foi Menéndez Pidal que tornou conhecida, em 1896, em sua primeira obra³, uma Crônica Geral derivada da de Dom Afonso X, o Sábio⁴. Cintra considera a **Crónica Geral de Espanha** um dos mais extensos ensaios da prosa portuguesa e parece-lhe impossível chegar a uma definição do estilo do autor da crônica, o qual nos é desconhecido. Uma das grandes discussões que Cintra aponta em sua análise crítica, ao longo da introdução de seu livro, diz respeito às incertezas que envolvem a origem da **Crónica Geral de Espanha**, já que encontramos dois principais manuscritos para ela – um pertencente à Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa e o outro à Biblioteca Nacional de Paris⁵.

O texto selecionado para este trabalho nos parece ser uma introdução de ambos manuscritos. Tanto a versão de Lisboa quanto a de Paris são iniciadas com a morte de Dom Fernando e a posterior ascensão de seu filho primogênito, Dom Afonso X, ao trono espanhol. Deteremo-nos, a seguir, em apresentar o que se passa na história narrada do trecho analisado neste trabalho.

BREVE RESUMO DO TRECHO SELECIONADO PARA ANÁLISE

A *Crónica Geral de Espanha* é iniciada com uma reflexão sobre os atos heróicos e outros feitos nobres narrados nas antigas histórias de cavalarias ocorridos no passado e que deveriam ser transmitidos aos homens das gerações seguintes. Os atos de bondade e lealdade dos homens do antepassado não poderiam cair em “olvidamento” e, portanto, seus ensinamentos foram deixados nas escrituras. Dessa forma, o cronista traz um questionamento sobre a importância dos textos escritos, já que neles é possível registrar e recordar a sabedoria e os engenhos realizados pelos homens do passado. Diz ele:

Ca, se as scripturas non fossem, qual sabedoria ou engenho d’homen se poderia recordar de todas cousas passadas, ainda que as no~ achasse de novo que he ja cousa muy mais grave? Certo nenhu~u~.

Em seguida, o autor se detém a falar sobre os “sabedores antigos” que escreveram sobre histórias de príncipes, especialmente daqueles que contribuíram para a formação do território espanhol. Mas antes de comentar sobre as linhagens espanholas, é interessante observar que o autor ressalta dois fatos cristãos para explicar a origem do mundo:

³ Menéndez Pidal, **La Legenda de los Infantes de Lara**. 1896.

⁴ Dom Afonso X, o Sábio, foi rei de Castela e Leão de 1252 a 1284.

⁵ No CIPM, três textos nos são apresentados sobre a **Crónica Geral de Espanha**: o primeiro, denominado **Crónica Geral de Espanha**, é iniciado com comentários sobre a importância das escrituras na transmissão e no registro dos feitos heróicos ocorridos no passado e finalizado com a morte de Dom Fernando; o segundo, denominado **Crónica de Afonso X (Ms L) in Crónica Geral de Espanha**, consiste no manuscrito pertencente à Biblioteca de Ciências de Lisboa e, por fim, temos o terceiro texto, **Crónica de Afonso X (Ms P) in Crónica Geral de Espanha**, que é o manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris.

Outrossi sabemos como morrero~ os patriarchas hu~u~s empos os outros e da sayda dos filhos de Israel do Egipto e da ley que Deus deu a Moysen e dos reis que ouve na santa terra de Jerusalem e do destroyme~to della. E per elles outrossi sabemos da morte e paixon e da resurreiçom e da ascensom do Nosso Senhor Jhesu Cristo. Ca de todas estas cousas e doutras muytas no~ souberamos nada se aquelles que era~ aaquella sazom nos no~ leixara~ en escripto todos estes feitos per que o nos ouvessemos de saber.

Posteriormente, o cronista menciona Dom Afonso de Castella, filho do rei Dom Fernando com a rainha Dona Beatriz, como o responsável pela organização de diversos documentos escritos que narravam histórias relacionadas à formação do território espanhol. A ordem de Dom Afonso X era de que agregassem o maior número possível de textos que contassem sobre os feitos da Espanha, desde o tempo de Noé até os tempos de seu reinado. O resultado disso foi a obra original **Primera Crónica General ou Estoria de España**, narrada por Afonso X em língua castelhana e escrita entre 1260 e 1274.

Após isso, o trecho selecionado para o desenvolvimento desse trabalho, segue até o momento em que são narrados, brevemente, os seguintes fatos: a criação do mundo por Deus e o surgimento de Adão; a divisão e nomeação dos continentes até

Ca, se as scripturas non fossem, qual sabedoria ou engenho d'homen se poderia recordar de todas as cousas passadas, ainda que as no~ achasse de novo que he ja cousa muy mais grave? Certo nenhu~u~.

Em seguida, o autor se detém a falar sobre os “sabedores antigos” que escreveram sobre histórias de príncipes, especialmente daqueles que contribuíram para a formação do território espanhol. Mas antes de comentar sobre as linhagens espanholas, é interessante observar que o autor ressalta dois fatos cristãos para explicar a origem do mundo:

Outrossi sabemos como morrero~ os patriarchas hu~u~s empos os outros e da sayda dos filhos de Israel do Egipto e da ley que Deus deu a Moysen e dos reis que ouve na santa terra de Jerusalem e do destroyme~to della. E per elles outrossi sabemos da morte e paixon e da resurreiçom e da ascensom do Nosso Senhor Jhesu Cristo. Ca de todas estas cousas e doutras muytas no~ souberamos nada se aquelles que era~ aaquella sazom nos no~ leixara~ en escripto todos estes feitos per que o nos ouvessemos de saber.

Posteriormente, o cronista menciona Dom Afonso de Castella, filho do rei Dom Fernando com a rainha Dona Beatriz, como o responsável pela organização de diversos documentos escritos que narravam histórias relacionadas à formação do território espanhol. A ordem de Dom Afonso X era de que agregassem o maior número possível de textos que contassem sobre os feitos da Espanha, desde o tempo de Noé até os tempos de seu reinado. O resultado disso foi a obra original **Primera Crónica General ou Estoria de España**, narrada por Afonso X em língua castelhana e escrita entre 1260 e 1274.

Após isso, o trecho selecionado para o desenvolvimento desse trabalho, segue até o momento em que são narrados, brevemente, os seguintes fatos: a criação do mundo por Deus e o surgimento de Adão; a divisão e nomeação dos continentes até então descobertos, Ásia, África e Europa; e, por fim, a ocupação das primeiras linhagens que povoaram o continente europeu.

COMENTÁRIO LINGÜÍSTICO DO TRECHO SELECIONADO:

Para a fundamentação da análise a qual será desenvolvida a seguir, tomaremos as obras de MATTOS E SILVA (1994 e 2006) e CASTRO (2006) que retratam, cuidadosamente, características fundamentais do período arcaico do português. É importante, no entanto, destacar que nosso trabalho não englobará todas essas características, afinal, ele mostrará apenas os fatos linguísticos mais evidentes encontrados no corpus selecionado.

A fim de organizar nossa análise, os exemplos que trataremos serão discutidos a partir de uma divisão em cinco níveis: A- nível grafemático, B- nível fonético, C- nível lexical e D- nível morfossintático.

A- Nível Grafemático:

Logo no início do trecho selecionado, podemos encontrar diversas realizações gráficas para a representação dos mesmos sons. Essa variação pode indicar uma forma arcaizante que, ao longo do processo de evolução da língua, vai se recuando ao passo que outras variantes modernizantes vão aparecendo.

Podemos observar diversas variações em nosso corpus das quais destacaremos apenas algumas:

- | | |
|-----------------------------|-------------------------------|
| - /no~/, /non/ | - /do~ Rodrigo/, /dom Afonso/ |
| - /e~/, /em/ | - /pore~/, /poren/ |
| - /linhage~e~s/, /linhagem/ | - /ouvero~/, /ouverom/ |
| - /outrossy/, /outrossi/ | |

B- Nível Fonético:

Segundo Mattos e Silva (1994), os *hiatos* são características do período arcaico do português e se desfazem por processos diversos ao longo do próprio período. Uma das explicações mais consistentes para o fato do hiato estar tão presente nos textos desse período é o fenômeno da queda do /n/ e do /l/ intervocálicos na passagem do latim para o português. Vejamos alguns exemplos desse caso, encontrados em nosso corpus:

(1) *por que os que depois **veessen** trabalhassem de fazer ben per exemplo dos **bo~o~s** e que pello dos **maaos** se castigassem.*

/veessen/ - que em português moderno evoluiu para a forma /viessem/, do verbo latino “venire”

/bo~o~s/ - em latim, temos o adjetivo “bonus” que, com a queda do /n/ intervocálico, evoluiu para o adjetivo “bom” em português.

Nesse dado, temos também uma primeira marcação fônica que remete à forma etimológica da palavra e uma segunda, marcando a forma dessa palavra no plural.

/maaos/ - do adjetivo latino “malus”. Com a queda no /l/ intervocálico, evoluiu para o adjetivo “mau” em português.

C- Nível Lexical:

Encontramos também no nosso texto algumas palavras em suas formas arcaizantes, que caíram em desuso ou sofreram pequenas alterações na sua forma ao longo do processo de evolução da língua. Vejamos os exemplos abaixo:

(2) *E, entendendo per os feitos de Deus, que son spirituaaes, que os saberes se perd[er]iam morrendo aqueles que os sabiam e non **leixando** delles **renembrancha**, por que no~ caesse~ en **olvidamento**.*

/leixando/: de ‘leixar’, forma arcaica do verbo “deixar”; do latim *laxare* que originou *laisser* (francês), *lasciare* (italiano).

/renembrancha/: forma arcaica do substantivo “lembrança”.

/olvidamento/: forma arcaica para o substantivo “esquecimento”; do verbo latino *obliuiscor* que originou os verbos *olvidar* (espanhol) e *oublier* (francês).

Além dessas palavras, nos deparamos também com a forma /mudamentos/ a qual inferimos, pelo contexto onde aparece, o significado “mudanças” (“*E, por os **mudamentos** dos muytos senhorios, se perdero~ os livros em que era~ scriptos os grandes feitos*”) e com a forma /outrossy/, com grafia variável em /outrossi/, cujo significado predominante é “também”. Em nossa contagem, foram vinte ocorrências do termo ao longo do trecho selecionado.

Ao longo de nossa análise, notamos também algumas conjunções típicas do período arcaico que diferem do português moderno ora pela sua forma, ora pela sua alteração de sentido⁶. Conforme destaca Mattos e Silva (1994, p.259), as conjunções são extremamente diversificadas e podem expressar mais de uma relação semântica. Verificamos a existência recorrente das seguintes palavras:

- conjunção /ca/, característica típica do período arcaico e usado com alta frequência com o sentido de conjunção explicativa nos textos dos séculos XIII ao XIV. Em nosso corpus, foram encontradas algumas ocorrências, tais como:

(3) ***Ca**, se as scripturas non fossem, qual sabedoria ou engenho d’homen se poderia recordar de todalas cousas passadas, ainda que as no~ achasse de novo que he ja cousa muy mais grave?*

(4) *destroyme~tos que lhes fezeron os Vandallos e os Suevos e os Allanos e os Almonizes, **ca** todas estas gentes veeron sobre Espanha e mataro~ e destrouiran os moradores della (...)*

⁶ Para essas considerações, julgávamos ser mais adequado inseri-las em um nível semântico de análise, porém, optamos por classificá-las no nível lexical, já que para os nossos dados, tanto a forma como o sentido de algumas conjunções estão coexistindo.

- interessante notar também ocorrências da conjunção /por que/, cujo uso atual denota predominantemente um sentido explicativo. No entanto, pudemos encontrar em nosso texto ocorrências em que a conjunção possui sentido de finalidade, algo muito comum em textos desse período:

(5) *E, entendendo per os feitos de Deus, que son spirituaaes, que os saberes se perd[er]iam morrendo aqueles que os sabiam e non leixando delles renembrancha, **por que** no~ caesse~ en olvidamento*

- conjunção “porém”, que aparece no texto com formas e grafias variáveis, /poren/ ou /porende/, são classificadas, no período arcaico, como conjunções explicativas (equivalentes a “por isso”) e que, ao longo da história do português, vão adquirindo o valor adversativo:

(6) *E **poren** viro~ os entendidos, que o prezaro~ sobre todalas cousas e o teveron por luz pera alumear os seus entendimentos e de todolos outros que o quiserem saber, que era bem de buscarem carreiras per que chegassem a ele e o aprendessem.*

(7) ***Porende** el rey dom Affonso de Castella, que foy filho del rey do~ Ferna~do e da raynha dona Beatriz, mandou ajuntar qua~tos livros pode aver das estorias antigas em que algu~as cousas fossen escriptas dos feytos d’Espanha.*

D- Nível Morfossintático:

A fim de agregarmos diversos fenômenos morfossintáticos que ocorrem no texto aqui discutido, trataremos, a seguir, cada fenômeno como um sub-item desse tópico da análise.

Haver e ter: Mattos e Silva define o verbo *haver*, no período arcaico, como o “verbo típico, ou seja, o mais usual, nas estruturas de “posse” e, portanto, nosso corpus está repleto dessas ocorrências, tais como:

(8) *E achasse outrossy em este livro e~ como os do linhagem destes tres filhos de Noe, que **ouvero**~ nome Sen, Cam, Jaffech (...)*

(9) *Estes outros linhage~e~s, des que **ouvero**~ partidas as terras, como dissemos, no~ se tevero~ por contentes do que **avyam** e trabalharo~ por tyrar as terras hu~u~s aos outros, por a qual razon **ouve** antr’ eles muytas e grandes contendas e lides e mortes.*

(10) *E, por que mais certamente vos contemos quantas terras **ouvero**~, co~vem que [vos] digamos primeiramente de que guisa he Europa.*

Segundo a autora, é a partir do século XIV para o XV que o verbo *ter* ocorria comutando com o verbo *haver*. Seu uso era mais frequente ao lado de um complemento que denotava bens materiais adquiríveis (por exemplo, /ter remédio/) e pouco frequente próximo a um termo que denotava qualidades adquiríveis (i.e, /ter vontade/). Em nosso

texto de 1344, as ocorrências com o verbo *ter* não se referem ao sentido de “posse”, mas sim ao sentido de “achar, considerar”:

(11) “*no~ se **tevero**~ por contentes*”

(12) “***teverom** que minguaria~ muyto en seus boos feitos*”

(13) “*E poren viro~ os entendidos, que o prezaro~ sobre **todalas** cousas e o **teveron** por luz pera alumear os seus entendimentos*”

Todo/los/Todalas: a forma *todo/los* pode ser explicada através do fenômeno de encliticização do artigo definido ao pronome indefinido “todos”. Tal fenômeno é típico do português antigo e pode ser descrito da seguinte forma:

- todos(as) + los(as) > todo/los(as), em que “los(as)” é forma portuguesa derivada do acusativo latino *illos, illas* e “todos” tem a consoante /s/ suprimida ao entrar em contato com a consoante /l/ que de tornou medial em português, conforme explicita Ivo Castro (*ibid*) nas páginas 118 e 119. Vejamos um trecho da *Crónica* em que é possível encontrar as formas /todo/los/ e /todalas/:

(14) *E poren viro~ os entendidos, que o prezaro~ sobre **todalas** cousas e o **teveron** por luz pera alumear os seus entendimentos e de **todo/los** outros que o quiserem saber, que era bem de buscarem carreiras per que chegassem a ele e o aprendessem.*

O gênero dos nomes: antes de apresentarmos alguns exemplos de nosso texto que trazem a discussão da variação de gênero dos nomes na língua portuguesa, é necessário destacar a Gramática Histórica da Língua Portuguesa de Said Ali⁷, onde podemos encontrar um trabalho minucioso sobre tal questão.

No capítulo denominado “Os vocábulos: espécies, formas e significação”, o filólogo compara, entre outras questões, as variações de gênero encontradas em textos do português arcaico com textos do português hodierno, trazendo curiosidades da etimologia das palavras, trechos de autores consagrados, como Camões, Fernão de Oliveira, Padre Vieira (entre outros), além, é claro, de desenvolver um trabalho primoroso em relação às questões de gênero da língua portuguesa. Ao longo de 15 páginas, Said Ali mostra a complexidade desse tópico em nossa língua ao longo do seu processo de evolução.

“*Ordem e margem(sic)* (latim *ordo, margo*), masculinos em latim, passaram a termos femininos em português. Êste mesmo gênero têm os demais nomes em *-gem* (*a imagem, a vagem, a viagem, a ferrugem, etc*). *Linguagem e linhagem (sic)* também se usaram no masculino [v. parágrafo 336]”. (p.64)

⁷ SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3 ed. melhorada e aumentada. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

Com base nos comentários esboçados acima, tomemos alguns dados encontrados em nosso corpus em que aparecem os nomes *linguagem* e *linhagem*:

(15) *e pore~ destroyo Deus as suas maas ente~ço~o~es e conffondehos e~na linguagen*

(16) *ca no~ tan solamente foram departidos em a linguagem mas ainda em as vo~o~tades.*

(17) *E achasse outrossy em este livro e~ como os do linhagem destes tres filhos de Noe.*

(18) *Estes outros linhage~e~s, des que ouvero~ partidas as terras, como dissemos, no~ se tevero~ por contentes (...)*

Como se vê nos exemplos destacados, temos uma variação de dois nomes derivados em *-agem*, sendo que */linhagem/* é marcado no gênero masculino e */linguagem/* no feminino. Em textos do período arcaico, encontramos predominantemente as palavras que pertencem a esse grupo, marcadas no gênero masculino. No entanto, é importante destacar a informação que Mattos e Silva (2006:103) nos traz de que “já na versão galego-portuguesa do *Foro Real* de Afonso X⁸ a par de *o linhagem* ocorre *a carceragem*”. Dessa forma, podemos afirmar que na *Crónica Geral de Espanha* tal traço também ocorre.

Ainda na Gramática Histórica de Said Ali, podemos encontrar comentários do autor acerca da mudança de gênero de determinadas palavras ao longo dos anos, dentre elas, o nome *planeta*. Em nosso texto, encontramos o gênero dessa palavra marcado na forma feminina:

(19) *e que soubessem os cursos das estrellas e os movimentos das planetas e os hordenamentos dos signos e os effectos que fazem as strellas.*

Morfemas número-pessoais de segunda pessoa do plural: uma forte característica do período arcaico, sobretudo da primeira fase, é a presença dos morfemas <des> ou <de> nos verbos conjugados na segunda pessoa do plural. Muitos autores que delimitaram linhas de periodização do português são categóricos ao considerarem tais morfemas uma marca registrada do período arcaico e, portanto, seu desaparecimento delimita a passagem desse período para o clássico.

Na *Crónica*, encontramos apenas uma ocorrência deste caso, em forma de locução verbal:

(20) *De Asya e Affrica, ja avedes ouvydo en outros livros que [maneira] son e que taaes.*

A forma <udo>: no português moderno, a forma <ido> é a marca do particípio passado de verbos regulares da segunda conjugação. No entanto, no período arcaico, tal forma tinha a vogal /u/ no lugar da vogal /i/, formando palavras, tais como: “metudo” (para metido), “creuda” (para algo que tenha mais valor), “teudo” (para tido), “ascondudo” (para escondido).

⁸ “fins do século XIII ou começos do XIV”, ver Ferreira 1987:372.

No texto analisado, tivemos duas ocorrências da palavra “sabudo”, forma arcaica para “sabido”:

(21) *E como fora outrossy **sabudo** o muy perlongado feito d’Espanha.*

(22) *se perdero~ os livros em que era~ scriptos os grandes feitos que se em elle antigamente fezeron, assi que aadur pode seer **sabudo** o começo dos que a poboaron.*

Fenômeno da interpolação: Namiuti (2002), em seu artigo *O fenômeno da interpolação na história da colocação de clítico no Português*⁹, define interpolação como um fenômeno que possui “traços característicos das línguas arcaicas da România, onde uma grande variedade de elementos da frase pode se interpor entre o pronome clítico e o verbo (cf. Martins 1994)”.

Dessa forma, ao longo do processo de evolução do português, tal fenômeno apresenta caminhos diversos, pois envolve uma dinâmica de várias mudanças sintáticas. No período arcaico, encontramos este fenômeno nas sentenças em que um pronome clítico sempre está acompanhado de uma conjunção. A interpolação do período arcaico pode ser representada da seguinte forma:

C (conjunção) + CL (clítico) + _____ (constituente) + V (verbo)

Vale lembrar que diversos são os termos que podem ocupar a posição de constituinte: sujeito, advérbio, complemento, termos de negação etc.

Namiuti (2008), em sua tese de doutorado, investigou a dinâmica dos processos de interporção em dois períodos do português. O primeiro período, denominado Gramática I, compreendeu dados do período arcaico e esse estudo atestou o fenômeno da interpolação em contextos de próclise obrigatória. Com isso, a autora concluiu que, durante esse 1º período, a interpolação somente ocorria em orações subordinadas, sendo necessariamente o clítico contíguo à conjunção.

Em nosso texto, conseguimos identificar uma ocorrência desse fenômeno:

(23) *Ca de todas estas cousas e doutras muytas no~ souberamos nada se aquelles que era~ aaquella sazón nos no~ leixara~ en escripto todos estes feitos **per que o nos ouvessemos de saber.***

Na oração acima, temos uma relação de subordinação e encontramos o pronome clítico “o” seguindo imediatamente a conjunção “per que”. Na sequência, temos a posição de constituinte marcada pelo pronome “nos”, sujeito do verbo “ouvessemos”. Sendo assim, concluímos que tal oração corresponde à descrição feita por Namiuti.

Verbos ser e estar: no exemplo anterior, exposto no tópico sobre o fenômeno da interpolação, também observamos outra característica do português arcaico que consiste no uso do verbo *ser* confundido ao significado do verbo *estar*.

⁹ Apresentado no 50º GEL, GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, em 2002.

O sentido de *se aquelas que era~ aaquella sazon* só se tornou evidente quando substituímos o verbo /que era~/ por /que estavam/.

Também podemos associar o verbo *ser* a um sentido existencial:

(24) *que co~ grande sobervha edifficaro~ a Torre de Babel que he em Babillonia, a grande.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendeu discutir, de forma consistente, alguns fatos linguísticos característicos do período do português arcaico. O texto que nos serviu como fonte para análise linguística, a *Crónica Geral de Espanha*, permitiu que explorássemos muitos detalhes, afinal, encontramos diversas características típicas do período arcaico no texto.

O trecho selecionado, consideravelmente pequeno em relação ao tamanho do texto fonte, surpreendeu-nos ao longo do desenvolvimento de nossa pesquisa, pois não imaginávamos que encontraríamos tantos pontos para serem apontados e discutidos.

Temos ciência de que nem todas as características presentes no texto estudado foram trabalhadas a fundo, porém, dadas as diversas possibilidades que o texto selecionado nos permitiu seguir, é possível concluir que a *Crónica Geral de Espanha* é um texto que pertence ao período arcaico do português indiscutivelmente.

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, I. (2006) **Introdução à História do Português**. 2ª ed. revista e muito ampliada. Lisboa: Edições Colibri.
- CINTRA, L.F. (1961) **Crónica geral de Espanha de 1344** / edição crítica do texto português, vol. 3. Lisboa: Academia Portuguesa da História. Disponível em acervo eletrônico: <http://purl.pt/336>.
- MATTOS E SILVA, R.V. (1994) Para uma caracterização do período arcaico do português. In: **Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada** (d.e.l.t.a), vol. 10, nº especial.
- _____.(2006) O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Ed. Contexto.
- NAMIUTI, C. (2002). A interpolação na história da colocação de clíticos no português. **Estudos Lingüísticos** (São Paulo). , v.32, p.1 - 12, 2002. (GEL: Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo)
- _____.(2008) **Aspectos da história gramatical do português: Interpolação, negação e mudança**. Tese de doutorado, IEL: Unicamp.
- SAID ALI, M. (1964) **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 3ª ed. melhorada e aumentada. São Paulo: Edições Melhoramentos.